

R\$ 11,3 BILHÕES

é o orçamento do programa
Territórios da Cidadania, que Lula
vai divulgar junto com Dilma

958

municípios no interior do
país serão beneficiados

ELEIÇÕES 2010

Enquanto Lula pretende levar a ministra da Casa Civil em caravanas pelo interior do país, outros petistas presidenciais ficam na expectativa para ver se ela decola nas pesquisas de opinião

A hora e a vez da
“candidata” Dilma

GUSTAVO KRIEGER

DA EQUIPE DO CORREIO

O movimento do presidente Luiz Inácio Lula da Silva em favor da ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, provocou uma imediata retração entre os outros petistas considerados potenciais candidatos à sucessão em 2010. Na segunda-feira, Lula anunciou que levará a ministra à tiracolo em uma série de viagens para lançamento de obras nas regiões mais pobres do país. É uma tentativa de aumentar a visibilidade de Dilma e ver se ela melhora sua posição nas pesquisas de opinião. É o primeiro sinal público de uma preferência que o presidente demonstrou reservadamente nos últimos dias, ao dizer que pretendia eleger uma “sucessora”.

O sinal mais evidente veio do ministro da Justiça, Tarso Genro. Ainda na segunda-feira, em um evento no Rio de Janeiro, ele disse que não é presidencialista. “Peço aos companheiros que não veiculem meu nome porque isso só atrapalha o meu trabalho como ministro da Justiça”, disse. A declaração deve ser vista com cautela. Tarso não desistiu de seus projetos presidenciais. Mas ele é realista. Sabe que só tem chances se for o escolhido de Lula. E o melhor caminho para buscar esse apoio é demonstrar alinhamento com o chefe.

Nas disputas pela direção do PT, Tarso uniu-se a outros ministros para garantir uma composição entre diferentes correntes do partido. Essa articulação envolveu o secretário-geral da Presidência, Luiz Dulci, e o titular do Desenvolvimento Social, Patrus Ananias, outro nome que freqüenta as listas de presidenciais petistas. O objetivo era garantir que Lula tivesse o controle da direção partidária e, em

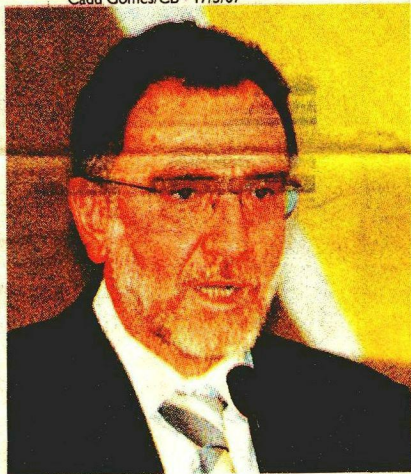
Carlos Moura/CB - 6/2/08



DILMA ROUSSEFF

A ministra da Casa Civil nunca disputou eleições e confessa aos amigos ter verdadeiro terror da idéia de atravessar o país de palanque em palanque. Mas conta com um eleitor muito especial: o presidente Lula. Ele a colocou em primeiro lugar na lista de possíveis sucessores e quer que ela tenha a maior exposição possível. Acredita que as obras do PAC serão a marca de seu segundo mandato e que Dilma simboliza o plano

Cadu Gomes/CB - 17/5/07



PATRUS ANANIAS

Comanda os programas sociais do governo, um dos principais trunfos de Lula. Além disso, é de Minas Gerais, um importante colégio eleitoral. Mas até agora não recebeu nenhuma sinalização pública do presidente em favor do seu nome

Zuleika de Souza/CB - 7/2/08



TARSO GENRO

O ministro da Justiça é um político próximo a Lula e ganhou poder dentro do PT depois das últimas eleições internas. Seu aliado José Eduardo Cardozo (SP) é o novo secretário-geral. Mas ainda enfrenta muitas resistências dentro do partido

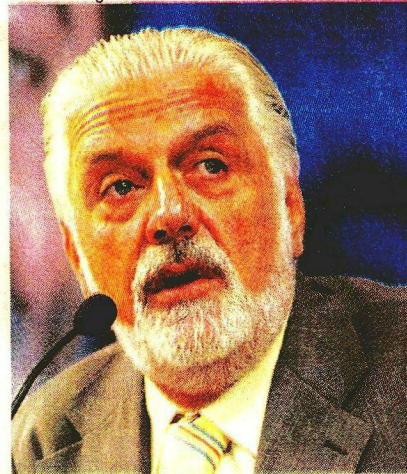
Aureliza Correa/Especial para o CB - 18/1/08



MARTA SUPLICY

Ministra do Turismo e ex-prefeita de São Paulo, tem a maior densidade eleitoral entre os presidenciais do PT, mas é a mais distante do presidente Lula. Além disso, enfrenta pressões para disputar a Prefeitura de São Paulo este ano

Edilson Rodrigues/CB - 9/10/06



JAQUES WAGNER

Entre todos os nomes do PT, o governador da Bahia foi o único a ser testado nas urnas, e vencer, em 2006, quando derrotou o carlista Paulo Souto (DEM). Seu problema é nacionalizar o nome e ainda resolver os problemas do estado

consequência, da definição do candidato à sua sucessão. Nesse cenário, a escolha recairia sobre um nome muito próximo ao presidente. E essa é uma lista muito pequena.

Estratégia

Com o movimento público de Lula em favor de Dilma, o quadro mudou. A viagem da ministra pelos grotões acontecerá em um cenário invejável. O presidente vai anunciar investimentos do programa social Territórios da Cidadania. O projeto vai atingir 958 municípios e envolver 19 ministérios. Os investimentos chegam a R\$ 11,3 bilhões. Números como esses deveriam ser capazes de alavancar qualquer candidato.

Os ministros presidenciais esperam que Dilma seja uma exceção. Muita gente no governo comemorou a pesquisa CNT/Sensus divulgada na semana passada. Nela, ficou claro que mesmo sendo a ministra com mais exposição no governo, ela não consegue índices melhores que o dos outros possíveis candidatos do PT. Se ela não decolar agora, outros nomes poderão ter chance.

Pensando nisso, Tarso Genro e Patrus Ananias optaram pela calma. Os dois dirigem ministérios que podem ser armas políticas. Patrus comanda todos os programas sociais do governo e ainda conta com a vantagem de ser um político de Minas Gerais, um colégio eleitoral estratégico. Tarso recebeu de Lula verbas para um ambicioso programa de segurança pública.

A ministra do Turismo, Marta Suplicy, tem uma estratégia própria. Deve disputar a Prefeitura de São Paulo este ano. A candidatura lhe garantirá visibilidade nacional e pode colocá-la numa posição que compense o fato de ser mais distante de Lula que os outros presidenciais.

Ciro livre para traçar planos eleitorais



Carlos Moura/CB - 11/7/07

CIRO GOMES: DEPUTADO TEM BOM
TRÂNSITO NO PLANALTO E NA OPOSIÇÃO

O deputado Ciro Gomes (PSB-CE) vive uma situação privilegiada. Ao contrário dos pré-candidatos petistas, não precisa de autorização do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para fazer seus movimentos políticos. Livre para atuar, ganhou uma boa posição nas pesquisas eleitorais. Aparece em segundo lugar e é o único nome do campo governista capaz de rivalizar com os números dos tucanos José Serra e Aécio Neves.

Ciro tem ainda uma vantagem estratégica, por ser um dos poucos

nomes capazes de trafegar tanto no governo quanto na oposição. Tem um ótimo relacionamento com Lula, que o considera um aliado leal desde que recebeu seu apoio no segundo turno das eleições de 2002. Consolidou essa ligação nos anos que passou como ministro. Mas também é muito próximo ao senador Tasso Jereissati (CE), que até o ano passado era o presidente nacional do PSDB. O tucano tenta articular um acordo que permita a formação de uma chapa com Aécio

Neves como candidato a presidente e Ciro como vice.

O deputado não descarta essa possibilidade. Sabe que, ao manter a opção em aberto, pode tornar-se um fator de desequilíbrio na disputa interna do PSDB. Se o candidato for Serra, Ciro será um adversário dos tucanos. Se for Aécio, há chance de um acordo. É um trunfo importante.

A única possibilidade que Ciro fecha é a composição para apoiar um nome do PT. E não só por estar mais bem colocado nas pesquisas.

Ele é apoiado por um bloco formado pelo PSB, PCdoB e PDT, partidos que se afastaram do PT nos últimos anos.

Na verdade, por mais que o presidente Lula fale na vontade de unir a base de apoio a seu governo em torno de um só candidato, ele mantém Ciro como seu plano alternativo. A candidatura do deputado socialista lhe permite contar com um nome forte, capaz de garantir um segundo turno nas eleições. Além de manter Ciro longe do PSDB. (GK)